o re-curso do poeta

e
outros objetos com palavras

edição
do autor

bruno
greggio

o recurso do poeta

O REC URS O

por

BRUNO

DO
POE
TA

E OU
TROS OB
JETOS CO
M PALAV
RAS

GREGGIO

para Kayde,
o norte.

SUMÁRIO

CUPIDEZ

Menino Alígero, teu sobrenome
extirpei no cartório das decisões balzaquianas.

E, apesar disso, não deste sossego a teus pés.
Cortei-os.

E, vendo-te rastejar recalcitrante,
decepei teus braços para teu descanso.

Mas me apiedei de ti quando te vi contorcer
e te agarrar às coisas
com teus dentes.

Tomei-te no colo e acariciei teus cachos
enquanto te estrangulava
suavemente

até ver tua expressão marmórea
e te largar no chão feito um destroço de escultura

para um jardim vulgar.

LE ROI DES FOU(LE)S

Nasci quebrado, filho das ruínas
dos santos e dos cálices sagrados.
E em meio a tristes coisas tão mofinas
alguém me quis de cetro e coroado.

Que louco para si, porém, queria
herança feita d'ídolos de barro,
se o tempo já mostrara, à revelia,
o quanto esse butim é desgraçado?

A nós, que importa o reino ou a família,
o sangue sobre o ouro, essa mobília
de ossos nos baús desse passado?

Recusemos a corcunda da história:
Livres somos do tempo da vitória,
quando por fim o rei foi degolado.

O NASCIMENTO DE ÉDIPO

O pai olha
a face do enigma.

O filho vê
o enigma da face.

A esfinge afia as presas
às portas da maternidade.

SILENO

Essa mania de querer a vida sem filtro,
de tatear estrias, de se ferir em espinhos,
de queimar as córneas sob o sol;
bem sabes: nada tem de humildade.
Sim, bem sabes: não queres apenas a verdade.
O colchão é verdade.
A aspereza é verdade.
O banho gelado é verdade, no verão ou no inverno.
Tudo isso é verdade, mas não é tudo.
O que queres saber mesmo é se aguentas;
o que queres mesmo é saber se a verdade
[te há de matar.

NOITE BRANCA

Sonhar um sonho sem assunto,
sem vulto feminino, sem rosto e
sem voz.
Sonho sem mãe, ingênito,
pureza de sonhar
antes de um sonho,
que se espreguice sobre o sono
e, sem pressa de se levantar,
atravesse a noite e talvez o dia
e se encontre sem se ter partido,
esse sonho de sonhar
primitivo e redivivo.

DESTINO REVÉS

Eu devia ter puxado burros,
eu devia ter tocado vacas.
Ou talvez, quem sabe, em cavalgadas,
nulo ser com meu chapéu de bruto.

Ou então, ainda mais profundo,
nessa noite atávica que ataca,
ser de novo o que vive em cascatas,
ter por edifícios só monturos.

Quem dirá se neste canto escuro,
em que há caveiras de mãos fantasmas,
eu, civil, me perco entre miasmas
velhos ou odores do futuro?

FAR FAR WEST
(CINE-REPRISE)

A humanidade é um comboio de carroças
sob um sol ressequido.

Um casco uma roda outro casco outra roda

Uns sonham livros de ouro, outros
apenas ouro.
Uns temem índios, outros desejam índias.
Sob a coberta da noite dormem os exaustos,
adulteram os exaustos, matam os exaustos...

um casco uma roda outro casco

Uma cobra!
POW!
Não olha mais.

Às vezes passa algum destemido
sobre a força de um cavalo mais veloz.

Às vezes um *ranger* solitário morre no silêncio
[do dever.

uma roda um casco...

O comboio atravessa a terra hostil
rumo a outras tediosas califórnias.

Mas o homem das estrelas que o vê
de muito muito longe além
diria que aquele cisco de pó em sua ultraluneta
nem se move.

PALCO

I

O amor é trágico
quando impossível,
cômico quando possível
e um palco vazio
quando realizado.

II

O homem se prepara, se imposta
e, depois de um gesto drástico,
fracassa.

É comédia.

Depois, nos damos conta de todo fracasso,
todos os seus saltos falhos e os nossos,
toda sua vida ridícula...

É tragédia.

LÍRICO
(O RECURSO DO POETA)

Eu, essa serpente
que o poeta livra na sala
enquanto os homens, insuspeitos,
digerem a vida entre o sono e a distração.

Ela avança
avança por entre pernas lassas
por entre o tédio da tarde,
como uma linha viva,
como um longo poema inaudito
que os envolve
sem pressa
sobre a pele
insensível.

E quando o sono trepida,
ela sibila e dança,
e o homem, envolvido,
vê seus olhos nos olhos da serpente

e os olhos da serpente
não são mais os olhos da serpente;
nos olhos da serpente ele vê
o eu e vê a si:
não mais o sono sem cor da tarde,
pois agora o homem
o homem sonha.

O POÇO

Este é um poço escuro, tão escuro
que os olhos desistem do fundo e concedem
à mente suas especulações
sobre o infinito.
Neste poço escuro, tão escuro
não ouves nada que não tenhas dito,
não recebes nem o óbolo de um ruído,
mas um sopro...
Um sopro sobe por suas paredes frias
e arrepia tua pele fria.
Não há placa de advertência, não
te alertaram sobre qualquer perigo.
E mesmo assim te afastas sem demora
antes que ouças o poço dizer teu nome.

CLICHÊ

... e a carne que se fez verbo e conceito
se deita inerte sobre fotolitos
ou chumbo, entre jazigos e veludos,
de algo vivo um aspecto, mas lembrança.

E a este que a sepulta, uma esperança,
última esperança do finito:
que a carne seja impressa com seu sangue;
que o verbo, último osso, inumada máquina.

HOMENAGEM

Que não te chamem “amigo”,
mas invoquem
sabendo que és infenso à evocação.

Que nunca te deitem flores
sobre o nome
porque hão de saber que a coisa é mais.

Que jamais te comendem,
se te querem:
o verso da medalha traz inscrito: “traição”.

DISRITMIA

É preciso organizar o coração:
este amor — devolver a quem o trouxe;
este ódio — atravessar a garganta de quem o disse;
este fel...
— Fel não é ofício do fígado?
— É. Mas também acontece de passar por aqui.

POEMA-CARTUM

1.

Aos sete anos, me dei conta de que estava no mundo e era finito.

2.

Ainda me lembro: acordei um dia e percebi como as coisas são.

3.

Foi um momento de grande excitação.

4.

Dez minutos depois, cansei de tudo e voltei a dormir.

ILHA DESAFORTUNADA

“Your huddled masses yearning to breathe free”

EMMA LAZARUS

I

Não é preciso muito para fazer de tudo um nada:
interditem as ruas,
culpem os abraços,
o beijo? — Acusem-no, denunciem!

Cubram as bocas, a face,
cubram o que puderem cobrir.
O tempo é de velar.

(Menos para os mortos; aliás, não há mortos).

II

E agora que nenhum avião te ensina a partir,
agora que o ar desdenha de tua respiração,
decidiste acender teu fósforo de liberdade
em meio a um mundo rarefeito,

oh, gloriosa Liberdade com sua tocha,
madrasta dos exilados, pomposa
devoradora dos deserdados,
acende teu churrasco:
Lázaro não bate mais à tua porta.

III

A tarde. Morre.

Aquela dor de estômago. Lembras?

“Aproveita que o ar é de graça”, dizia o porteiro.
[“Por enquanto”.

Dorzinha enjoada.

Logo ela passa. Enquanto isso,

pela janela endomingada olhas o vazio

com aquele velho olhar de náufrago

que aprendeste em teus sonhos de outras praias.

RATOS

> *"...E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz."*
>
> ALBERT CAMUS

Foi depois que enterramos o último, eu acho,

inauguramos nova regra, mais polida e perplexa,

este sonho eleático em que mover-se nada

é senão solar a permanência sob pés angustiados.

Foi depois, sim, depois que coalhamos com mortos
[sem nome

a terra ressentida, saltamos do absurdo para espirais

de silêncio e cidades de horizontes infinitos e
[simulados, sempre abertas

e das quais nenhum de nós pode mais sair.

Da peste com seus ratos, de mãos sujas de outro
[mundo,

criamos um novo, de intocável higiene, tão puro

que fizemos invisível o vermelho e com ele o sangue.

A peste se foi. O último homem se foi. Pode brincar,

meu filho, teus piques sem pega em teu celeiro
[de unicórnios

e de fantasias alienígenas e de super-homens
[domesticados,

que esta estranha nova sina não nos legou mais nada:

nem forma nem metro — nem rima.

CLAREIRA

Eu me sento, derrubado,
sobre o tronco derrubado
no claro da floresta de sombras.
Inopinado picadeiro,
monólogo surdo
assistido pelos fustes
ainda de pé de árvores enraizadas.
Eu deveria ter uma espada:
guerra perdida,
guerra começada.
Mas acontece que só tenho este machado
e corte.

POETA EM CONSTRUÇÃO

Entre planos de poemas
(o plantar antes da flor),
com retalhos de fonemas
uma quadra se formou.

METEOROLOGIA

Todos já estavam em suas casas quando a tempestade
[chegou.

E, mesmo assim, algumas roupas distraídas no varal

antecipavam com tédio um futuro remorso.

Dona Maria queimava seus ramos de palmeira

quando os primeiros telhados caíram à sua porta.

A massa renitente marchara

com seus trovões, trombas, tropéis,

desde um conceito diáfano de éter

até pisar os ramos bentos com botas de granizo.

Malgrado o alarde de tantos boletins,

toda a gente se espantou quando algo tão sutil

torceu e trincou o que havia de mais viril e rijo.

E como a tempestade circunvagasse

como um tornado indeciso no céu,

houve mesmo quem temesse

qualquer coisa que se respirasse, qualquer

resquício do azul traidor que atacava.

Houve também os que se consideravam eleitos

e bradavam forças que bruxuleavam ao vento.

Houve até quem não se importasse, em meio a
[dúvidas de toucador.

E aos que temiam que o céu caísse em suas cabeças

e aos que ainda confiavam na bondade do céu

e aos que não lhe dessem atenção

o céu urrava e rugia

como um animal sem compaixão ou falta

enquanto destruía casas

com indiferente acaso.

MARE NOSTRUM

Eu vi o homem livre,
livre como o vento noturno do Magreb,
ser chamado por um número que não era seu.
Eu vi o homem livre,
livre como a suave brisa mediterrânea,
ser despido de suas roupas habituais,
ser vestido com embalagens de mercadoria.
Eu vi o homem livre,
livre como o primeiro homem que se ergueu na África,
ser impedido em sua ancestral caminhada para a
[Europa.
Eu vi o homem livre,
livre como uma tarde preguiçosa de descanso,
ser obrigado a chamar um armazém de lar.
Eu vi o homem livre,
livre como um passeio em um dia livre,
ser conduzido por um caminho que o arrastava.

Eu vi o homem livre.

Vi. Não vejo mais.

Cobriram-no com um manto antigo e espesso

e eu não sou mais livre para ver o homem livre.

QUADRA NOTURNA

Desvelar o coberto

e partir em asas o perdido sono:

uma vez mais desperto,

recebo o abraço do fracasso do sonho.

PAIDEIA

Devora, Crono, e logo, a tua prole;
come, e aproveita enquanto não são homens,
pois o futuro imita, mas consome
e o que engoles depois também engole.

Não basta a luz tomar do novo lote
para fartar tua preventa fome.
A glória de um epíteto, o renome,
muito adjetivo, não repleta o dote.

Assim se educam novas gerações,
tomadas do fluir das estações
para intestinos claustros de paróquias.

Terra e céu testam tua herdade endógena:
a melancólica verdade estrita
de ter domínio onde é pequena a vida.

QUARTO DE 17 ANOS

Metro quadrado,
te reconheço:
paredes caem —
desapareço.

Nome de rio,
coisas sem nome.
Tem tiriricas
por entre as pedras.

Coisas perdidas
e sem lugar.
Asas cobiçam
de novo o céu.

Metro quadrado —
desapareço.
Não há paredes
onde adormeço.

IPÊ AMARELO

Numa dessas tardes quaisquer, seca e mundana,
de gente tatibitateando vulgaridades de ofício sobre
[teclas servis,
apareces assim, pastiche de estranho mito,
florindo súbito amarelo o lenho suberoso.
Talvez te anteciparas ao enterro
de um ano temporão.
Talvez, a partir de hoje, o gosto
de tudo ressaiba ao fim que vestes com grinaldas.
Chegas como quem faz uma surpresa — e há nisso algo
[que dói.
Mas o que dói mesmo, que entristece e enraivece,
é te ver fazendo esse papel de bobo,
viçoso ao olho de qualquer um,
em qualquer dia sem festa, em qualquer terra feia.

DORA

Lembrança de Luz del Fuego

do fogo, a luz

encanta as serpentes

mas a cobra

no coração dos homens

se enfurece e

com veneno

cobra-lhe o calor

perdido

frio

no

fun

do

do

m

a

r

.

PEDESTRE

Nesta vida de choques

não há espaço pra quimeras:

esperamos o ônibus;

o coletivo não

espera.

PRAÇA, FLOR E ESPERA

Eu te esperava com uma flor na mão,
uma flor nesta mão, por pura graça;
eu esperava tua mão em flor,
Rosa,
          esperava só — em plena praça.

Esperavam por Rosa a flor e a mão
e eu só — só numa plena e ampla praça;
enquanto a flor e a mão, por pura graça,
me espinhavam com teu nome de flor.

Eu e a mão e a flor, por pura graça...
e te esperava...
                    só
                              soesperava...
....
Rosa, a flor já exausta e só te espera,
a flor sem mão alguma, em plena praça.

LYGIA CLARK

O bicho descansa, má-

quina preguiçosa

sob

o olhar temeroso do vigia

capataz capaz na

fazenda ajantarada da galeria.

Um anjinho dorme o tédio de um sono barroco.

Os bichos — rebanho que dormita

sobre o sentido frustrado

da mão que passa

...

ex-pec-tan-te

...

Pior foi Sansão, escalpelado antes que as colunas
[caíssem sobre todos.

DÂMOCLES NA NOITE

Aquelas noites em que uma artéria
sussurra no escuro: “Vou saltar,
me romper, vazar...”
E nada se rompe.
Nada se aniquila.
Nada sobre nada.

Só o medo matura sob esse sussurro bruto
como se balançasse uma espada
sobre a cabeça
de quem já a perdeu.

TELEOLOGIA

Ser como o sol, que nasce sem motivo,
mesmo que o arrastem cósmicas correntes.
Ver como um olho, ainda que dormente,
puro abrir-se e fechar-se de ser vivo.

Pura, sim, sem ser contudo apenas casta,
esta voz conduzida por palavras:
coisa toda de ser em sua lavra,
brilho que se ultrapassa e a tudo basta.

PALIMPSESTO

"Amargo campo da vida,
"Quem te semeou com dureza,
"Que os que não se matam de ira
"Morrem de pura tristeza?"

CECÍLIA MEIRELES

Eu estranhava aquele retrato
quase escondido em antologias.
E, como quem suspeita e não diz,
anotava rugas sugeridas.

E cada uma delas dizia,
letra suspeita ou ideograma,
que, se a mudança não se apreende,
o mesmo não se dá com a trama.

Nada ficou perdido, bem sei:
que importa se suave, o amargo?
O estilo que grava a nova face
não fere de volta a mão do carrasco.

LAOCOONTE

As serpentes me cercam e prendem,
impotente ante o jugo plebeu;
não me aflige o juízo dos pósteros:
nenhum será mais duro que o meu.

A MORTE E A LEBRE

Foge o amor como lebre assustada:
morte o segue com sega afiada.

Esta cuida tão bem do plantio
que inadmite intrusão no rocio

com que areja e provém a seara.
Morte semeia o germe do nada

e somente lhe apraz como fruto
o rebento que já nasce em luto.

Não tolera que o amor seu domínio
colonize. Talvez em seu íntimo

rememore um oculto sentido:
todo lote a tem mal recebido

pois, malgrado a charrua ubíqua,
tudo que é vivo ainda a evita;

quando está, não há voz a cantá-la;
e, se ausente — que venha em bengala!

Quem cantasse, em rara litania,
nada mais que evitá-la queria.

Não há, sabe ela bem, quem deseja
morte perto e — talvez, uma inveja...

Mas nem isso a detém: pois se a vida
só deseja da morte a partida —

ela volta, escusado o convite.
O seu fio não há quem evite,

não importa quem tenha fiado:
é no corte, em momento aprazado,

que se atém, com seu tento, esse exício.
Pois talar não é mero exercício

e fugir, imprudente questão.
Ao fungível se dá defunção;

não há linha sem metro no fuso,
nem tesoura que corte sem uso.

“Nestes campos não pode haver mais
de sementes que não as fatais” —

uma vez que foi dada a sentença,
para a morte não há mais detença,

e ao amor, como a tudo, dedica
lavradio da sega cativa.

A maior falta, a si mesma entregue,
lança sombra ao rés do que persegue.

Perseguir é, assim como um corte,
um hiato do encontro, que morde

duas partes não mais acordadas;
Perseguir é, bem antes do nada,

definir o que colhe e o colhido;
definir o que morde e o mordido.

Mas nenhum definir, qualquer arte,
poupa a lebre da caça covarde

pelos campos da morte travada.
Era o amor, antes dessa abalada,

preia só de canções e de bailes,
e jogava com todos os naipes

que o desejo e o prazer lhe dispunham.
Atacava com dente e com unha

o que a terra fecunda lhe desse —
tudo era de seu interesse:

escapava de cães e leões,
e passava a cruzar os verões

entre pastos e outros deleites;
pois não há quem um dia rejeite

o que faz a natura espontânea
com ilécebras tão subterrâneas.

Quem diria, porém, que haveria
nos torrões da total alegria

revolver de terror caviloso,
coração de caráter ferroso?

Mesmo a terra tem algo feral
e com dentes também, por sinal.

“Com a morte não há discutir;
para não acabar suvenir,

lebre, força é saltar. Entre deusas
morte é quarta que das gentilezas

do desejo não faz nenhum caso:
só lhe importam o corte e seu prazo”.

Foge a lebre, que agora fugir
é destino sem rumo, é só ir,

um revoo sem prumo, sem chão,
saltar sobre outro salto, incursão

sem embate, fugir infinito,
sempre em trânsito no intransitivo,

incessante sair — sem entrar
e somente partir — sem chegar.

Entre corras e saltos, porém,
ao amor nova ideia lhe vem:

Não apenas pular: popular
sobre a terra que nega-lhe o ar,

popular a feição leporina;
para cada um que a morte fina

outros dois, outros três jacular,
outros, muitos, enfim enviar,

já que a morte tem tantos caminhos;
pois amor nunca anda sozinho:

não lhe faltam carência e recurso —
de desvios faz moto e percurso.

Popular sobre a terra que nega
quando a morte entretém-se com pega;

Popular, tal se planta uma espécie
que de pouca, com pouco adolesce

e pulando germina rebentos,
como quem semeia aos quatro ventos;

e fazer-se assim onipresente,
e da lâmina fugir, assente.

Assim, pois, amor se multiplica:

um

par

maduro
futura

um casal
que matura
animal:

salto, sêmen, sal
e, enfim, estrutura.
De novo, afinal,
cria moritura
de grei comensal.

“E agora que somos rebanho,
na terra, presença triunfal,
no texto também, sem acanho,
com ritmo estreamos, dominial.
A lebre foi pele de lanho
— não mais! Somos muitos, plural:
Quantidade impomos à sorte
e assim escapamos da morte”.

Mas a morte não é tartaruga
que se possa vencer nesta fuga,

pois quem dorme não pode jamais
levantar-se das covas terrais.

Livre ou presa, só cabe a essa presa
roer tempo e criar sem surpresa.

Ai de quem, parvo, aposta na cria:
Egoísta impotente à razia.

Ademais, não salva tanto trabalho,
pois a morte perdura nos hábitos.

É da morte, portanto, o compasso
como a régua. Também neste encalço

não havia de ser diferente.
Diversão é-lhe sempre aparente;

mesmo quando se trata de agrar
para ela não há desviar:

ai de quem se alivia, se a rústica
relha vê que no eito bifurca!

É oblíquo o cultivo e também a
segadura. Pois, tolo quem tenha

crido tê-la enganado em ardis,
tramas ou teologias afins.

Se, ao que a vê, seu rumo é retilíneo,
é que o raio do arco é infinito.

Do rebanho mantém decedura,
não lhe importa se não absoluta.

Que haja mais desse couro é brinquedo
que lhe apraz no trabalho do eito.

Se recreia em brincar de esconder —
o brinquedo não vai devolver.

Em verdade há correr, mas não fuga
nem escape que evite essa curva

que se põe adiante da gente:
não apenas atrás, como à frente

lavra a morte que cerca a seara
circunscrita entre as foices do nada,

tal um texto envolvido em parêntese.
Não há salto, tampouco uma gênese,

que se furte do cerco da lâmina,
que não seque seu fio de estâmina.

Não se escapa jamais a tal sina:
pois o tempo do pouco se afina,

só se altera, com sorte, a vazão:
da ampulheta se aumentam os grãos.

Há aqui qualquer coisa de pacto,
qual serpente a tecer esse pasto

e a juntar tanto a sega e o rebento
num enlace em dois turnos cruento.

Há aqui qualquer coisa de texto,
urdidura de opimo e funesto,

ligação de perplexa harmonia
do que mata com aquilo que cria.

Só se colhe depois que dá fruto
e plantar reivindica um tributo.

Não há morte sem ser que matar,
inclusive do amor o avatar;

nem há ser que não queira manter-se,
não importa que o cortem tão cerce.

Pobre lebre, presa em simetria
de real e completa agonia,

um joguete, na noite que esvai,
que o poeta, outra lebre, distrai.

FÓSFORO

Do atrito nasce o homem, fagulha
estridente e quase nada,
risco sujeito ao menor sopro e
que chama no escuro da alvorada.
Mal fica de pé, destrói
sua própria substância animada
e bruxuleia no tempo
que o verso de cinza entesoura.
Segue em metro indeciso
até que da matéria cesse
a linha cuja parca
medida extingue
a hora.

RÉVEILLON

O cão do vizinho late por um recurso.
Crianças revolucionam os jardins da servidão.
Há uma sensação de contas a pagar no condomínio.
Passa um motociclista que abandona o som.
Talvez haja água em Marte.
Mulheres cochicham na escada sobre o fim.
Todas as expectativas unem-se em matilha.
Hoje o carteiro não vem.
Amanhã, o Brasil.
As multidões clamam por silêncio.
Tantas coisas sobre a mesa.
Um idiota derruba sobre uma folha de papel
alguns botões de prosa de cadência.
Em meio às sombras, uma ideia faísca.
Um leitor anseia por um ponto final.

E eu sonhava construir uma bomba,
mas decidi escrever um poema.

CAFÉ PERNAMBUCANO

"Bebi o café que eu mesmo preparei"

MANUEL BANDEIRA

Também bebi do café.

Mas o pão, eu mesmo amassei.

A noite fora mineira e fria,

a manhã deslizava como um pijama apressado

e um sol seco drenava nostalgias.

Quando, de saída, saltei o cupido destroçado no jardim,

a vida coletiva já urgia.

E eu sabia que em algum lugar havia uma manhã,

um cigarro aceso

e um poema.

POSFÁCIO

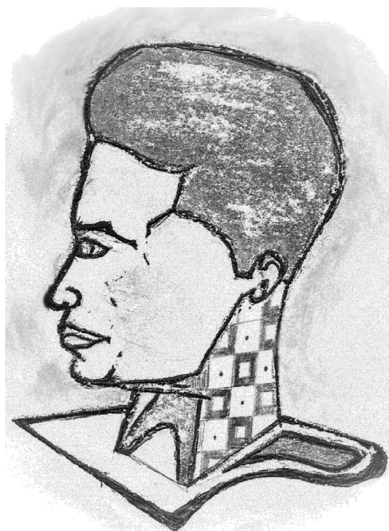
OS POEMAS que você lê neste livro foram escritos em momentos diferentes, embora a maioria deles tenha recebido sua demão final durante a pandemia de COVID-19, em 2020. Alguns, pela própria temática e por suas imagens, restará claro, são inteiramente produtos desse período.

O "recurso" do poeta foi também o de lidar com uma situação tão incomum e repleta de angústias. Em tempos assim, em que toda ação coletiva se dá de maneira pouco organizada ou, quando muito, em dimensões muito menores que as do problema, e em que o nível individual de ação está entravado por discussões moralistas, é importante manter alguma atividade, fazer um esforço não ordinário, ainda que não pragmático, como o literário.

Acredito que consegui reunir textos que, se não possuem uma unidade mais firme entre si, em temas e formas, imantam-se pela atmosfera do momento em que foram organizados e por certa compatibilidade dos afetos que poderão despertar no leitor.

Daí que "o recurso do poeta" esteja também junto de um "poeta em construção", este último, bem mais modesto.

“O recurso do poeta...” não é meu primeiro livro concluído, mas, obviamente, é o primeiro publicado. Oportuno que apareça primeiro, dando-me ocasião de amadurecer algumas ideias sobre a própria escrita. De qualquer modo, todo “recurso” que você encontrar aqui, leitor, tem algo ainda de um curso inicial, uma preparação.

SOBRE O AUTOR

Dizem que Bruno Greggio nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, ES, no século passado, assistido por um fato de cabras. Mas há controvérsias sobre o assunto, afinal, poucos estão certos de que tenha realmente nascido.

Na última década, testemunhas alegam tê-lo avistado em Belo Horizonte, MG; nunca foi a Varginha, porém.

Manifesta-se ultimamente como todo cidadão comum, reclamando em redes sociais.

— ·:· — ·:· —

Parte do conteúdo deste livro

apareceu primeiro

nos seguintes locais:

bacatella.blogspot.com

fb/bacatella